

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 108

Data: 31.05.87

Pg.: _____

São Félix do Xingu (PA) — Mabel Arthou



Invasões de todo tipo de exploradores inviabilizaram o Projeto Tucumã; no meio do conflito, os índios caiapós reivindicam domínio de 12 milhões de hectares. (Págs. 20 e 21)

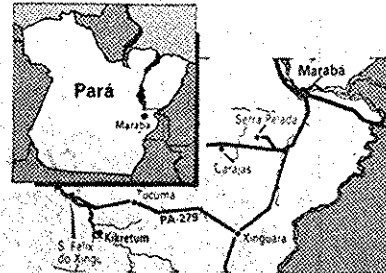
Luta pela terra matou mais de 100 pessoas na região em 1986

Antônio José

O projeto de colonização Tucumã, da Construtora Andrade Gutierrez, é o mais novo barril de pólvora prestes a explodir no sul do Pará, uma das regiões mais violentas do Brasil. Lá, de acordo com estatísticas da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e dos sindicatos rurais, morreram, só no ano passado, mais de 100 pessoas envolvidas na luta pela posse da terra. Nos municípios de Conceição do Araguaia, Redenção, Santana do Araguaia, Marabá, Xinguara e São Félix, esses conflitos chegaram ao ápice com a morte do fazendeiro Tarley Andrade, em dezembro. Mas Tucumã, agora, aparece com todas as condições para se transformar na síntese de todos os problemas fundiários do Pará.

Nesta imensa área, superior ao território de alguns Estados brasileiros, estão em permanentes conflitos colonos assentados pela empresa, posseiros, *grileiros*, fazendeiros, madeireiros e garimpeiros, num quadro de difícil conciliação de interesses, agravado nos últimos dias por um novo elemento: os índios caiapós e xicrins, cujas reservas ficam, respectivamente, ao sul do e ao norte do projeto. Eles estão empenhados em ampliar seus limites e o cacique dos caiapós, Tuto Pombo, transformou-se na encarnação do terror, inimigo comum de todas as categorias envolvidas na disputa das terras abandonadas pela Andrade Gutierrez.

Inauguradas as invasões, por aventureiros de todos os matizes, serrarias e madeireiros passaram a incentivá-las e mesmo a *grilar* termo originado da prática de pôr falsas escrituras em gavetas cheias de grilos, para ganharem o aspecto de envelhecidas e, portanto, de autênticas, depois de sujas por líquido expelido



pelos insetos) lotes ricos em mogno, madeira de alta cotação no mercado. Extraídas as árvores nobres, a terra é negociada com um, dois e até cinco incautos. Depois o *grileiro* desaparece da região.

Esses migrantes, legais ou não, na área do Projeto Tucumã, passaram a enfrentar a ambição do cacique Tuto Pombo, dos caiapós, que pretende ampliar sua área para 12 milhões de hectares, dentro dos quais promete criar uma nova nação, denominada caiapônica.

Saques — No dia 20 de abril, os índios xicrins invadiram uma área dominada por posseiros ao norte do Projeto Tucumã, saquearam barracos e queimaram a produção. No dia 28, os caiapós fizeram o mesmo, na vicinal P-6, dentro do projeto, desalojando mais de 80 famílias, algumas das quais se encontram no povoado, aguardando providências, mas dispostas a retornar para um enfrentamento com os índios, de acordo com José Francisco da Conceição, o *Zé da Onça*, que lidera os posseiros da P-6 e perdeu tudo o que tinha no ataque dos índios.

“O Pombo não cria vergonha e quer tirar a gente da terra, mas estamos dispostos a lutar, porque não temos para onde ir”, afirma, lembrando que está com malária e não tem como se tratar depois que os guardas da Sucam saíram da P-6, com medo de serem mortos pelo cacique e seus guerreiros.

Entre os posseiros, há consenso quanto os objetivos do cacique. Ninguém acredita que ele pretenda realmente unificar as aldeias, como apregoa ao exigir a retirada dos colonos. Segundo eles, Pombo, que se autodenomina coronel, quer a área, de 2.200 hectares, para dar à sua amante Neném, uma mulher branca que nunca diz seu nome verdadeiro, e mantém um bordel na cidade de Tucumã, frequentado quase que exclusivamente pelos guerreiros caiapós. Ela afirma que Pombo lhe prometera aquela área toda antes de ser invadida pelos posseiros, mas o cacique, casado com Maria Caiapó, nega essa promessa para sustentar a tese da necessidade de unificar os índios e, ao mesmo tempo, impedir que os “brancos cortem as árvores de castanha, pois a castanheira é um índio encantado”, portanto, sagrada.

Ocorre que Pombo não explora mais castanha desde que cedeu a madeireiros o direito de extrair mogno em sua reserva de 2 milhões 800 mil hectares, em troca de elevadas somas que ele e seus guerreiros diluem em negócios ignorados pela aldeia: compra de casas e carros na cidade, farras e viagens por toda a região a bordo de seu avião monomotor. Este procedimento tem custado ao cacique considerável perda da sua liderança entre os caiapós, mas ele insiste: “Tudo isso é mentira de branco, que tenta jogar o índio de encontro a sua comunidade. Mas índio não mente, a Funai sabe...”, defende-se dizendo, também, que foi acusado de ter morto 500 crianças e as atirado no rio, “quando em toda a área do conflito não tem esse número de crianças”. Pombo igualmente acusa os brancos de entrar na reserva e dar cachaça aos meninos índios, que quase morrem, e de apontar arma de fogo para seus guerreiros. “Se matarem um índio, vai morrer muito branco”, ameaça.

São Félix do Xingu (PA) — Fotos de Mabel Arthou



Os caiapós desalojaram 80 famílias e puseram a correr fiscais da Sucam em Tucumã

Índios respeitam seu cacique biônico

BELEM — O cacique Tuto Pombo, da aldeia Caiapó Krokrenum, esconde por trás das grossas lentes de graus dos óculos que usa há algum tempo um olhar sereno e preocupado ao mesmo tempo. Com a fala mansa e gestos estudados, ele demonstra exercer forte liderança sobre pelo menos 80 guerreiros de sua tribo, homens acostumados à vida dura nas selvas amazônicas e que aos poucos vão incorporando traços novos a sua cultura, herdados do contato com outras tribos e com o homem branco, cuja presença no Vale do Xingu é cada vez maior.

Controvertido e polêmico, esse cacique, de 60 anos presumíveis, percorreu uma longa trajetória para chegar onde chegou. Orfão desde os 7 anos, Tuto Pombo foi criado por uma família de

seringueiros em Altamira, onde aprendeu a falar português e formou consciência de que só os índios “falam a verdade, porque acham feio mentir”, e que os “índios são os legítimos donos da terra e do Brasil”.

Ainda jovem, Tuto Pombo passou a servir de intermediário entre o antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e os gorotires (aldeia dos caiapós). Quando estes índios foram conquistados, Pombo acabou nomeado cacique da aldeia, tornando-se o primeiro cacique biônico. O normal seria ter herdado o posto ou o conquistado na disputa com outros pretendentes. Mas o SPI parece ter eliminado qualquer outra forma de escolha do cacique e dado, como compensação, o posto a Pombo.

O cacique, entretanto, tinha qualidades e obstinação, logo se tornando respeitado na região, tanto pelas suas posições intransigentes na defesa dos direitos dos índios sob seu comando, quanto pelas incontáveis investidas contra a presença do homem branco na área da aldeia, cada vez mais ameaçadora.

Conta-se que em 1980 Pombo comandou um massacre na fazenda Espadilha, instalada nos limites de sua reserva. Não restou sobrevivente: proprietários, vaqueiros e trabalhadores da sede da fazenda foram barbaramente massacrados. Os guerreiros de Pombo chegaram ao requinte de matar mulheres enfiando-lhes suas lanças pela vagina; os homens foram mortos a flecha, e as crianças, a borduna e lança. (AJ)

Mabel Arthou

Ouro e madeira levam a terra à devastação

A rica região de Tucumã enfrenta outro problema: a ameaça de devastação causada pela exploração desenfreada de duas atividades predatórias, a extração da madeira e do ouro. Para o agrônomo Alfredo Moreira, coordenador do Projeto Tucumã, a ação dos madeireiros consegue ser mais nociva que o garimpo. “Historicamente, o madeireiro sempre foi fator de estímulo à *grilagem* de terras”, disse. Segundo ele, a maioria dos madeireiros vem para o sul do Pará no chamado *verão* — o período de secas, de maio a outubro — e prefere pagar ao *grileiro* da terra, que recebe menos pela madeira, do que a um proprietário legalizado. O garimpo, por sua vez, explicou Moreira, causa poluição nas águas pelo uso do mercúrio, além de estragar a terra.

Nos 41 garimpos registrados que funcionam em Tucumã, os garimpeiros não estão nem um pouco ligados na questão da posse das terras. Na Serra da Serrinha, um dos maiores da região, centenas de garimpeiros trabalham o dia inteiro num buraco que fica cada dia mais largo e profundo, em meio ao barulho

